



❁ AS FILHAS PERDIDAS 3 ❁

SORAYA LANE

A
FILHA
GREGA

SETE FILHAS. SETE SEGREDOS.
SETE AMORES.



ARQUEIRO

*Para todos os meus leitores maravilhosos ao redor do mundo.
Obrigada por me acompanharem nesta jornada!*

PRÓLOGO

LONDRES, 1973

Alexandra fechou os olhos e, ofegante, tensionou os dedos em volta do violino. Preparando-se para o que estava por vir, ergueu o queixo e ensaiou mentalmente. Tentou não escutar a apresentação impecável do violinista antes dela para não se comparar com ele.

Não vou conseguir.

O medo cresceu dentro dela, uma linha de suor se formou sobre o lábio superior e seu coração começou a martelar. Por um breve instante, pensou em simplesmente juntar suas coisas e sair correndo dali, para evitar a aflição pela qual estava prestes a passar. Pensou que, para início de conversa, ela nem deveria estar ali.

– Alex.

Uma mão pressionou seu ombro de modo delicado e reconfortante. Ela abriu os olhos e se virou, deparando-se com Bernard. Sua espessa cabeleira preta caía sobre a testa e seus afáveis olhos castanhos a tranquilizavam – ali estava o homem que possibilitara tudo aquilo.

– Chegou a hora de mostrar ao mundo quem você é de verdade – sussurrou ele, pressionando as mãos suavemente nas costas dela para aproximá-la de si.

Alex encostou o violino no peito e o encarou.

– Você *merece* estar aqui, Alex. Merece tudo que a fez chegar até este momento.

Os lábios dele roçaram os dela. Quando ele se afastou, encostou suave-

mente a testa na dela, acariciando com cuidado os cabelos de Alex. A respiração de Bernard estava quente contra a sua pele. A sensação de tê-lo assim tão próximo a fez se lembrar do longo caminho que percorrera, da oportunidade que lhe fora concedida, do presente que ele lhe dera.

– Depois de hoje, nada será como antes – sussurrou ele. – Hoje é o seu dia, minha querida.

Alex ergueu o olhar quando ele deu um passo para trás. Bernard tomou-lhe a mão que segurava o arco e ergueu-a com delicadeza, beijando sua pele enquanto ela fitava os olhos dele – olhos que diziam acreditar nela.

– Obrigada – sussurrou Alex, engolindo o medo e preferindo acreditar nas palavras do homem que a amava.

Em seguida, ela foi chamada e Bernard se esgueirou para as coxias. Alexandra se levantou e deu o primeiro passo em direção ao palco, os saltos estalando no chão enquanto tudo ao redor silenciava.

Bernard estava certo. Chegara a hora de mostrar ao mundo quem ela era de verdade.

LONDRES, DIAS ATUAIS

Ella revirou a caixinha nas mãos, tocou o cartão com a ponta dos dedos e fitou o nome da avó. Refletira sobre aquilo o dia inteiro, esperando um momento tranquilo para abri-la e descobrir o que continha, mas já escurecera e ela ainda não fazia a menor ideia do que havia dentro. Hesitou antes de puxar o barbante e calculou quantos anos a caixinha estava fechada. Morria de curiosidade de saber o que estava prestes a descobrir.

Uma parte dela se perguntava se deveria ter esperado até estar na presença da mãe ou da tia, mas outra parte sabia que não conseguiria aguardar nem um segundo a mais. Já passara o dia todo carregando aquela caixa.

Ella puxou o barbante e as fibras esvoaçaram quando o nó cedeu. Com cuidado, pôs o cartão de identificação sobre a mesa, respirou fundo e abriu a caixinha de madeira. Não tinha certeza do que esperava encontrar. Ali dentro havia um pedaço de papel dobrado na forma de um quadradinho. Ella o retirou com toda a delicadeza, como se manejassem uma obra de arte de valor inestimável, e o desdobrou com cuidado, rapidamente passando os olhos pelo conteúdo da página.

Era uma partitura, com um bilhete manuscrito no canto inferior direito: *Sei que você pode torná-la sua. B.*

“B.”? Ella o releu diversas vezes e, embora o bilhete não fizesse nenhum sentido – tampouco as notas musicais –, continuou curiosa, querendo saber do que tudo aquilo se tratava. Voltou a olhar para a caixa

e notou que havia algo mais ali: estava dobrado ao meio, e ela usou as unhas para soltá-lo do fundo, pois uma parte havia grudado. *Uma foto.* Em preto e branco. Apesar disso, a imagem parecia vívida. Chegou a pensar em uma ilha grega, pois a foto mostrava um trecho do mar que se perdia no horizonte, com uma casa de estuque de um lado. Nela, uma mulher e uma menina encaravam quem quer que estivesse segurando a câmera. Ella estreitou os olhos, aproximando-os da imagem, e analisou os rostos e a textura granulada da foto. Desejou reconhecer aquelas duas pessoas ou pelo menos detectar algum traço na aparência delas que lhe fosse familiar. A mulher sorria, talvez um meio sorriso, e a menina se inclinava na direção dela, a cabeça deitada no seu ombro. Estavam de mãos dadas. Será que eram mãe e filha?

Ela desviou o olhar das duas por um momento e analisou a paisagem. Finalmente, deixou a foto na mesa e logou no computador para pesquisar imagens da Grécia. Ainda que não tivesse reconhecido as pessoas, tinha certeza de que acertara o local.

Na mesma hora, foi inundada por mares azuis, que se perdiam de vista, e casas pitorescas. Quando se recostou na cadeira e voltou a pegar a foto, imaginando-a em cores, não teve a menor dúvida de que era uma ilha grega. Certa vez, viajara para lá nas férias de verão, antes de entrar para a faculdade. Fora o último verão que passara com o irmão.

Ella deixou a foto cair sobre a mesa e se levantou, alongando-se enquanto se dirigia até o frigobar atrás do balcão, nos fundos da galeria. Não fazia nem uma hora que abrisse uma garrafa de champanhe para celebrar com um cliente a nova aquisição deles, e, embora tivesse apenas dado um gole, agora estava pronta para tomar uma taça. Havia sido um longo dia, principalmente porque ela precisou paparicar um artista temperamental naquela manhã. Sem contar que ela tivera que massagear o ego de um cliente que insistia em causar um rebuliço toda vez que pisava na galeria. A caixinha com as pistas cumpria muito bem o papel de distraí-la daquele dia estressante. Depois que serviu sua taça, Ella se reclinou na cadeira da escrivaninha e voltou a olhar fixamente para a partitura e a foto.

Ela não sabia bem o que esperara encontrar, mas com certeza essas pistas não lhe informavam absolutamente nada. Se fosse uma carta, até mesmo uma relíquia, uma certidão de nascimento ou alguma coisa explicando

o que ou quem ela deveria procurar a fim de saber mais sobre o passado da avó, Ella teria entendido melhor o propósito daquela caixa. Mas as pistas não significavam nada para ela, e duvidou que teriam algum significado para o restante da família.

A não ser para Harrison. Seu irmão talvez tivesse entendido a partitura. Até onde sabia, ele era o único na família capaz de ler uma composição. Para ela, aquilo poderia estar escrito em outro idioma, porque só lhe parecia um arranjo meticuloso de marcações distribuídas numa página.

Ella terminou a bebida, entretendo-se com as bolhas que lhe faziam cócegas na garganta. Depois, guardou as pistas com cuidado na caixa e a colocou na bolsa. Deixou a taça sobre a mesa e se levantou, apagando as luzes ao caminhar, os saltos estalando sobre o elegante chão de concreto da galeria. Ela adorava aquela hora da noite. Adorava ficar ali sozinha, com as obras de arte iluminadas pelas próprias lâmpadas posicionadas de forma cuidadosa, no prédio que estava praticamente silencioso, onde só ressoavam seus passos. A sensação a fazia se lembrar de sua adolescência, quando era a primeira pessoa a chegar para a natação, daquele momento antes de alguém pular na piscina. O silêncio da água inerte até que fosse maculada pelas ondulações.

Naquela noite, no entanto, a pintura mais próxima da porta a fez parar. Ela ergueu a mão e, com delicadeza, tocou o canto da tela, os olhos perpassando o adesivo de “Vendido” preso a um dos lados, enquanto admirava as pinceladas audaciosas e as cores exuberantes. A artista era nova na galeria, e a própria Ella a descobrira e a acolhera havia apenas algumas semanas. E agora, tendo vendido sua primeira obra em apenas poucos dias, Ella havia, sozinha, assegurado a carreira da jovem mulher, que assinara modestamente no canto inferior da tela.

Aquilo a fazia se lembrar das palavras rabiscadas que lera momentos antes. Quando apagou a última luz e trancou a porta, Ella se perguntou se algum dia descobriria quem era o tal B., e o que acontecera para que o bilhete tivesse sido deixado numa caixinha identificada com o nome da avó. Seria a inicial de uma das pessoas na foto ou fora escrita *para* uma delas e assinada por um amigo ou um familiar? E como ela poderia compreender aquelas pistas sem a ajuda de alguém que conhecesse melhor a situação? O que a foto e a partitura poderiam ter em comum?

Ela suspirou, apalpando a bolsa a caminho da porta, e sentiu o formato da caixinha. Depois, ativou os alarmes de segurança. Talvez sua tia soubesse. Elas se encontrariam para jantar em menos de uma hora, e podia imaginar como os olhos da tia brilharão assim que Ella mencionasse o passado potencialmente escandaloso da avó.

Ella riu. Uma coisa era certa: a tia teria uma reação oposta à de sua mãe, e era por isso que lhe contaria primeiro.

Ao entrar no restaurante Barrafinna, no Soho, Ella logo percebeu que a tia já estava lá. Sentada em um banco alto do bar, ela conversava animadamente com um dos chefs enquanto os via cozinhar.

– Kate – disse Ella, e sua tia se levantou para abraçá-la.

Kate costumava dar abraços de verdade – do tipo que mostrava que a pessoa realmente se importava, bem diferente dos beijinhos lançados no ar e dos tapinhas nas costas que Ella estava habituada a receber de todo mundo em sua vida. Por isso adorava ainda mais a tia.

– Ella, você está linda. Como sempre – elogiou Kate quando se sentaram.

Os olhos dela percorreram os traços de sua fisionomia, como se ela precisasse mapear o rosto da sobrinha depois de terem ficado tanto tempo afastadas. Na realidade, foram apenas algumas semanas.

– Como vão as coisas? Anda muito ocupada na galeria?

– A galeria está incrível – respondeu Ella, suspirando. – Incrível e exaustiva. Sinto como se um dia emendasse no outro, mas não posso reclamar.

– Você tem pintado?

As sobrancelhas de Kate se juntaram de um jeito quase cômico, muito séria em seu interrogatório.

Ella riu.

– Você faz essa pergunta toda vez que me vê e minha resposta é sempre a mesma.

O rosto da tia não se alterou.

– Continuo perguntando porque espero que um dia você me surpreenda.

Ella ficou agradecida quando o garçom apareceu para saber o que gostariam de beber. As duas pediram vinho, mas, como as sobrancelhas de Kate estavam arqueadas, percebeu que ela ainda esperava uma resposta.

– Já não basta que eu esteja sempre cercada de arte? – perguntou Ella.

– Será? – Kate suspirou. – Para mim, parece que você está tentando se convencer disso.

– Eu tenho uma vida ótima – disse Ella, remexendo na bolsa, que ainda estava em seu colo. – Amo meu trabalho, amo minha *vida*, eu só...

As bebidas chegaram e Kate segurou sua taça, esperando que Ella aproximasse a dela para brindarem.

– Acho ótimo que você ame sua vida, querida.

As duas tomaram um gole antes de apoiarem as taças na mesa.

– Mas...? – indagou Ella, com uma risada. – Consigo escutar o silencioso *mas*! Vamos lá, pode falar.

Kate abriu um sorriso e, mais uma vez, ergueu as sobrancelhas perfeitas, dando de ombros como se tivesse sido flagrada.

– *Mas* não consigo me esquecer da jovem e talentosa artista que tinha toda a intenção de desafiar as aspirações dos pais e abrir o próprio caminho no mundo.

Ella deu mais um gole no vinho.

– Isso foi antes.

Elas ficaram sentadas em silêncio por um bom tempo, a mão de Kate sobre a dela.

– Eu sei, Ella. Eu sei.

A tia pigarreou e a atmosfera pesou, como em todas as vezes que alguém falava sobre o irmão dela ou sobre como tudo mudara desde a morte dele.

– De toda forma, me conte o que aconteceu hoje no escritório do advogado. Cheguei meia hora mais cedo porque já não aguentava mais de tanta curiosidade!

Ella abriu a bolsa e sorriu para a tia.

– Você sabe que a mamãe me aconselhou a não ir, não é? Que seria uma perda de tempo?

– Quase posso ouvir sua mãe falando – disse Kate num tom zombeteiro. – É claro que ela falou isso. Mas, *graças a Deus*, você não lhe deu ouvidos.

Ella tirou a caixa da bolsa e a passou para Kate.

– Recebi isso.

– Uma caixa? O que tem dentro?

Ella apontou para a caixinha de madeira.

– Abra.

Kate olhou novamente para ela antes de tentar levantar a tampa, como se esperasse encontrar algo terrível. Ella observou a tia remover a partitura com delicadeza, demorando-se ao examiná-la. Depois, deixou-a sobre a mesa e pegou a fotografia. A tia parecia perplexa.

– Do que se trata tudo isso? Por que te entregaram a caixinha? Não sei se entendi direito.

– Parece que são pistas, deixadas para minha avó, sua mãe, eu acho. Se é que podemos acreditar nessa história, é claro.

– Pistas? Achei que tivessem deixado algo para o espólio da minha mãe. Mas isso? – Kate balançou a cabeça. – Bem, de fato é uma reviravolta surpreendente.

O garçom chegou para anotar os pedidos. Ella passou os olhos pelo cardápio e pediu um prato para elas dividirem, então voltou sua atenção para a tia. Dava para notar que Kate estava fascinada com a caixa e continuava a revirá-la nas mãos, sem conseguir desviar os olhos dela. Quando as duas saíam, Ella costumava fazer os pedidos, então sabia que Kate não se incomodaria se a sobrinha tomasse a iniciativa.

– Me conte tudo, Ella. Quero saber exatamente o que aconteceu hoje. Com todos os detalhes!

Ella se inclinou na direção da tia e passou a ponta dos dedos sobre a foto. Havia alguma coisa na maneira como a mulher e a menina a encaravam que atraía seu olhar. Fazia com que quisesse examinar a imagem ainda mais detidamente, para tentar discernir algo reconhecível, alguma pista reveladora.

– Eu não sabia ao certo o que esperar quando cheguei à reunião hoje, mas não era a única. Havia outras mulheres, a maioria mais ou menos da minha idade, e todas fomos conduzidas a uma sala.

– E todas estavam ali em nome de suas avós? Como você?

Ella assentiu.

– Estávamos todas ali pelo mesmo motivo. O advogado que enviara a carta ao espólio da vovó estava presente e nos contou que, anos atrás, representara uma mulher chamada Hope. Parece que ela dirigiu um lar para mulheres solteiras e seus bebês, e essas caixinhas foram encontradas ali recentemente, pela sobrinha dela. Essa moça explicou que, no início, ficara indecisa sobre o que fazer, porque as caixas ficaram escondidas por muito tempo. Por fim, ela acabou se sentindo desconfortável porque as encontrara e não tinha tentado localizar as mulheres às quais se destinavam.

– Espere aí – Kate deu um longo gole no vinho, a mão suspensa no ar para pausar a conversa. – Você está me dizendo que sua avó, minha *mãe*, nasceu nesse lar? Que eu não tenho uma relação biológica com meus avós? E que esta caixa foi deixada para minha mãe quando ela foi adotada? Que ficou esse tempo todo escondida?

Ella assentiu novamente.

– É o que parece. As caixinhas estavam escondidas sob as tábuas do assoalho de um lugar chamado Hope's House e só foram descobertas porque a casa estava prestes a ser demolida. É um milagre que tenham sido encontradas.

Kate ficou de queixo caído e Ella fez uma careta.

– Aposto que você não sabia que ela era adotada.

– Não sabia! – exclamou Kate. – Ella, isso é um absurdo. Descobrir só agora que essas coisas foram deixadas para trás... Não sei nem o que dizer. Você acha que essa história toda é verdadeira? Que não é uma espécie de... Sei lá, por favor, não vá me dizer que estou parecendo a sua mãe, mas a história não poderia ter sido inventada, certo? Ou poderia? Seria parte de um golpe? Essas coisas têm acontecido muito hoje em dia, sabe?

Ella sinalizou para o garçom trazer mais vinho, e sorriu quando ele assentiu em resposta.

– Sinceramente, eu me fiz a mesma pergunta, mas estou inclinada a acreditar. Para receber a caixa, tudo o que me pediram foi que eu me identificasse e assinasse um documento. A tal sobrinha, Mia, me pareceu bem sincera. Tudo o que ela queria era entregar essas caixinhas para as devidas donas, e o escritório do advogado me causou uma ótima impressão. Por

conta da galeria, eu já me reunira com um advogado de lá, então não consigo ver como isso pode ser um golpe.

Ela observou Kate pegar novamente a caixa e revirá-la, como se esperasse encontrar alguma novidade, talvez um compartimento secreto. Ella fizera o mesmo no caminho para o restaurante, quase convencida de que ali dentro havia algo mais do que apenas aqueles dois itens.

– Então esta caixinha ficou escondida por anos? Até mesmo décadas? Nessa casa? Apenas à espera de que alguém a descobrisse?

– Hope’s House – disse Ella. – E, sim, parece que essa Hope pediu que algumas mães deixassem algo que um dia as crianças pudessem receber. Em cada caixa, prendeu um cartão de identificação. Mas a sobrinha dela não sabia se outras caixas foram restituídas no decorrer dos anos, à medida que as descendentes apareciam em busca de respostas. Ela não sabia se essas caixas específicas ficaram escondidas por alguma razão ou se foi porque essas mulheres simplesmente não tinham noção de que foram adotadas. Talvez a própria Hope pretendesse entregá-las, mas acabou morrendo antes de ter a chance... Acho que nunca saberemos.

– Você acha que essa Hope pediu que elas fizessem isso? Que juntassem essas caixinhas para que as crianças adotadas um dia pudessem encontrar suas famílias biológicas?

Ella deu de ombros.

– Talvez. Ou quem sabe ela tenha feito isso apenas para que as filhas pudessem receber algo que pertencera às mães. Talvez nem tenha sido tanto para que encontrassem suas mães biológicas, e sim para que restasse uma lembrança que um dia receberiam de volta... Tudo o que sei é que essa mulher pensou em tudo com muito cuidado. Cada caixa tem um cartão escrito à mão, e a maneira como ele foi amarrado com um barbante, sei lá, parece que ela dedicou muita atenção a cada caixa. Foi bem impressionante ver todas lá.

– Quantas eram?

– Sete, no total – explicou Ella. – Mas só seis mulheres compareceram. Eles não conseguiram contatar a família da sétima ou, se conseguiram, ela não apareceu.

A comida começou a ser servida e Ella colocou a foto de volta na caixa com delicadeza, tomando o cuidado de dobrar a partitura até que ficasse do

tamanho adequado. Então, guardou a caixa de volta na bolsa. Kate tomou a mão da sobrinha enquanto ela fechava o zíper, e as duas se entreolharam por um bom tempo.

– Sua avó teria adorado essas pequenas pistas e não sosseitaria até descobrir o significado delas. Consigo até imaginar o brilho em seus olhos.

Ella sorriu ao pensar na avó – haviam se passado apenas alguns meses desde seu falecimento, e não fora fácil para ninguém. Mas, no fim das contas, foi mais fácil lidar com sua morte do que com todo o sofrimento pelo qual passara. O câncer evoluíra tão rápido que, depois do diagnóstico, lhe restaram apenas alguns meses de vida. Ela deu seu último suspiro na cama, com a mãe de Ella ao lado.

– Então você acha que deveríamos tentar descobrir o significado das pistas? Que deveríamos fazer isso pela vovó? – perguntou Ella.

Kate assentiu.

– Acho. E também deveríamos manter isso entre nós por enquanto.

– Em outras palavras, você não quer que minha mãe nos desencoraje e dê cabo da investigação?

– Ella, é *exatamente* isso que eu quis dizer. Você me conhece bem demais.

As duas riram, inclinando-se na direção uma da outra. *E você conhece minha mãe bem demais.* Ella ergueu a taça, sentindo-se culpada por aproveitar a companhia de Kate muito mais do que a da própria mãe. Kate se tornara mais uma amiga do que uma tia.

– Um brinde à descoberta dos meus bisavós.

– Um brinde! – exclamou Kate.

As taças tilintaram, e as duas voltaram a atenção para a comida. Ella ergueu o garfo para provar o tamboril, mas hesitou quando Kate de repente apoiou o próprio talher na mesa e a encarou.

– E se essa sobrinha da Hope souber mais do que revelou? Talvez ela tenha outros registros que poderia compartilhar. Talvez ela possua outras pistas.

Ella pensou por um momento. Mia parecera muito genuína em suas intenções. Se alguém podia ajudá-las a desvendar as pistas, talvez fosse ela. Mas, se houvesse mais a dizer, ela já não teria dito?

– Você tem razão. Vou falar com o advogado amanhã de manhã para

ver se ele consegue me colocar em contato com ela. Com certeza vale a tentativa.

Kate bateu de leve com o ombro no de Ella.

– É claro que vale. Quem sabe? Ela pode ter muitas informações além daquelas que deixou escapar.

Ella se serviu de um pouco do polvo, saboreando cada garfada daquela comida deliciosa. Mas sua mente estava a milhões de quilômetros, tentando imaginar o que faria para que Mia lhe revelasse mais informações sobre essa misteriosa Hope. Ela queria saber mais da Hope's House e descobrir como uma única mulher conseguira, sozinha, ajudar tantas mulheres grávidas e seus bebês.

* * *

Ella se sentou na cama, enroscou os dedos dos pés em meio ao edredom espesso e se reclinou sobre os travesseiros. A caixa estava aberta sobre seu colo, a partitura ao lado, enquanto ela observava a foto. Segurou-a tão perto dos olhos que o papel quase tocou seu nariz – era como se pudesse, num passe de mágica, reconhecer as pessoas que a encaravam só porque as estava encarando.

Mas, na verdade, era a paisagem que continuava a atraí-la. *Imagine como seria pintá-la*. Não conseguia impedir esses pensamentos. Podia quase se imaginar pegando um pincel e recriando a beleza tão caracteristicamente grega, sua pele enrubescida devido ao calor, os dedos manchados de tinta enquanto trabalhava sob o sol dourado e brilhante.

Qual seria a sensação? Haviam se passado anos desde que pintara pela última vez. No dia seguinte à morte do irmão, empacotara sua obra inacabada e guardara o cavalete no sótão da casa dos pais. Aquela parte dela morrera junto com Harrison. Embora tivesse pensado nisso constantemente desde então, embora às vezes desejasse pintar de um jeito que mal poderia descrever, nem uma única vez ela vacilara em relação à decisão que tomara. Mas, naquela noite, depois que Kate a questionara, Ella começara a se perguntar: *E se?* Seria tão ruim assim reencontrar aquela parte dela? Por que não poderia ter uma carreira ao mesmo tempo que acalentava seu sonho? Será que precisaria ser a filha perfeita, com a carreira perfeita que

seus pais aprovavam, pelo resto da vida? Ou, de alguma forma, poderia construir uma trajetória mais compatível com suas necessidades e desejos?

Ela olhou de relance para o telefone, querendo ligar para a mãe, mas sabendo de imediato que seria a coisa errada a fazer. Antes, sua mãe teria sido a primeira pessoa para quem telefonaria a fim de contar as novidades ou desabafar sobre como andava se sentindo. A mãe riria com ela, perguntaria em que obra ela estava trabalhando, lhe diria que seu lado criativo era tão importante quanto o prático. Mas Ella não perdera apenas o irmão na véspera do primeiro dia de aula na universidade – também perdera a mãe. De repente, a mulher calorosa e otimista que a havia criado se transformara em alguém praticamente irreconhecível. Não importava quantos anos se passassem, ela nunca mais vislumbrara aquela mãe. Nem uma única vez. A casa deles era um santuário para Harrison, um lugar de tristeza, preso a um passado que desaparecera para sempre, por mais que todos desejassem mudar os fatos.

Ella colocou as pistas na mesa de cabeceira e desligou o abajur, remexendo-se sob as cobertas. Mas, quando fechou os olhos, tudo o que viu foi a si mesma com um pincel na mão, fitando um oceano azul que se refletia na tela diante dela.

Quero voltar a ser artista. Eram palavras que ela apenas sussurrava na escuridão da noite. Ella construía uma carreira vendendo arte, em vez de ela própria criá-la. Não conseguia enxergar como essas duas partes dela mesma poderiam um dia coexistir. Não naquele momento.

PROPRIEDADE DA FAMÍLIA KONSTANTINIDIS,
ATENAS, GRÉCIA, 1967

— Querida, tem certeza de que não quer me acompanhar?
Alexandra ergueu os olhos ao ouvir a mãe, que estava de pé à porta do seu quarto, vestida com calças de montaria, botas de cano alto de couro preto e uma camisa branca sem mangas, parecendo pronta para uma sessão de fotos. O cabelo preto estava penteado para trás, preso na nuca.

Alexandra balançou a cabeça, tocando distraidamente os próprios cachos pretos, que puxara da mãe. A única diferença era que os dela estavam soltos, caindo até a metade das costas num emaranhado de ondas indomáveis.

– Sabe muito bem que eu não adoro montar a cavalo como você, mãe. Talvez outro dia.

A mãe atravessou o quarto e se sentou na cama ao lado dela. Alexandra permaneceu deitada, se espreguiçando. Ela deixou que a mãe pegasse o livro de suas mãos, sorridente, enquanto se enrodilhava.

– Está lendo Jane Austen?

Alexandra assentiu, corando ligeiramente. Seu pai considerava a leitura uma perda de tempo, mas o que ela mais gostava era se enroscar na cama com um livro.

– Estou.

Ela sabia, contudo, como seu gosto pela leitura impressionava a mãe, especialmente quando lia em inglês. Nos últimos anos, podia não ter tido

boa vontade com as aulas de hipismo, mas aceitara de bom grado o professor de inglês.

– Tem certeza de que não quer deixar esse romance de lado por uma hora e montar a cavalo com sua mãe? O dia está tão bonito, e a rainha talvez me acompanhe.

Alexandra olhou de relance para o livro. Estava prestes a abrir a boca quando a mãe tocou sua bochecha com a ponta dos dedos e sorriu para ela. Depois, lhe deu um beijo no ponto em que seus dedos a tocaram.

– Querida, divirta-se com seu livro. Eu nem deveria ter perguntado. Que tal se você apenas prometer me contar, no jantar de hoje, o que pensa sobre o galante Sr. Darcy?

– Você leu *Orgulho e preconceito*?

Sua mãe se levantou e riu, colocando o livro de volta nas mãos da filha com cuidado.

– É claro que sim. Eu tinha pouco mais de 12 anos quando o ganhei. – Ela sorriu. – Sua avó nunca teria me deixado ler romances quando eu tinha a sua idade. Ela estava sempre muito preocupada com minha mente jovem e sugestiva.

Alexandra sorriu e observou a mãe atravessar o quarto e parar à porta. Seus olhos se encontraram. A mãe lhe deu um olhar que só ela poderia lançar e que lhe dizia quanto ela gostava da única filha.

– Eu te amo, Alexandra.

– Eu também te amo – respondeu ela.

Perguntou-se, por um milésimo de segundo, se deveria mudar de opinião quanto ao convite. Mas estava tão quente e Alexandra não gostava tanto de cavalos quanto a mãe.

Voltou a abrir o livro e começou a ler, mas, depois de alguns minutos, quando escutou risos do lado de fora, se levantou e foi até a janela. Lá embaixo, um carro estacionara no caminho de cascalho que dava acesso à garagem e ela observou a mãe se dirigir até ele. Como se sentisse que a filha a estava observando, virou a cabeça para cima, protegendo os olhos dos raios de sol. Alexandra acenou e a mãe lhe mandou um beijo antes de entrar no carro e desaparecer.

Alexandra suspirou e voltou para a cama, aconchegando-se em meio aos travesseiros e encontrando a página em que tinha parado. Sua mãe

estava certa: elas poderiam conversar no jantar. E no dia seguinte, se ela lhe pedisse que fosse andar a cavalo, Alexandra aceitaria. Havia coisas piores do que cavalgar à tarde, e ela sempre adorava contar com a atenção total da mãe.

* * *

Alexandra ergueu a cabeça, piscando enquanto olhava pela janela. A luminosidade esmaecera. Ela se espreguiçou e consultou o relógio, perguntando-se que horas seriam. Pôs os pés no chão, olhando de relance para o livro sobre a mesinha de cabeceira, aberto na última página que havia lido. Devia tê-lo colocado ali antes de adormecer.

Ela abriu um sorriso, lembrando-se do que a mãe falara sobre o jantar. Rapidamente conferiu a aparência no espelho de chão em um dos cantos do quarto, alisando as marcas do vestido amarrotado. Escovou o cabelo e o prendeu para trás, sorrindo diante do reflexo. Desceu depressa as escadas para o saguão, atenta a quaisquer sons que pudessem indicar a presença da mãe.

A casa estava silenciosa. Alexandra se dirigiu primeiro para a cozinha, esperando encontrar a mãe supervisionando os preparativos para o jantar. A cozinheira a encarou e sorriu, e Alexandra lhe deu um breve aceno, decepcionada ao notar que a mãe não estava ali. Ela a procurou nas salas de jantar e de estar, mas ainda não havia nenhum sinal dela. A mãe tinha sempre os mesmos hábitos e normalmente tomava um drinque antes do jantar enquanto conferia os preparativos, para ter certeza de que tudo estaria a seu contento para a noite.

Ela ouviu vozes no escritório do pai e hesitou ao abrir a porta. Perguntava-se se sua mãe estaria ali com ele, mas também não queria incomodá-lo. Alexandra era sempre cautelosa quanto a entrar no único espaço da casa que pertencia exclusivamente a ele – até mesmo a criada precisava pedir permissão antes de arrumar o cômodo.

– Alexandra? Precisa de alguma coisa?

Ela sorriu educadamente para o pai e, quando ele fez um gesto para que se aproximasse, foi na direção dele. Alexandra sorriu para o outro homem presente. Como ela estava ali, a conversa foi interrompida. O pai costumava

ficar contente em vê-la, desde que ela não o incomodasse com sua presença nem lhe pedisse nada. Ele parecia preferir que ela fosse vista e não ouvida.

– Eu estava procurando a mamãe – disse ela. – O senhor a viu?

O pai lhe deu um beijo no alto da cabeça.

– Suspeito que ela esteja lá fora, cavalgando.

– Mas ela saiu há horas – retrucou Alexandra. – Pai, ela...

Ele virou o corpo e voltou a conversar com o outro homem, deixando claro que ela fora dispensada. *Ela nunca cavalaria lá fora por tanto tempo*, Alexandra esteve prestes a dizer, mas em vez disso baixou a cabeça e deixou o escritório, decidida a procurar a mãe no andar superior. Talvez ela estivesse trocando de roupa em seus aposentos. Muito provavelmente o pai só repararia na ausência da mãe quando se sentasse para jantar e se visse a uma mesa vazia.

Os dedos de Alexandra mal se fecharam em torno do corrimão das escadas quando se ouviu uma batida forte na porta. Ela se assustou e parou, até que outra batida soou alguns segundos depois. Não apareceu ninguém para atender, então Alexandra foi até a porta e a abriu – algo que nunca fizera. Quase sempre havia alguém na casa para desempenhar tarefas como essa.

– Srta. Konstantinidis?

Alexandra engoliu em seco quando dois homens de uniforme a encararam, parecendo surpresos ao encontrá-la ali. Ela olhou para a viatura atrás deles e depois novamente para seus rostos, notando que o olhar deles se suavizara, como se lamentassem muito por ela. Sentiu um embrulho no estômago. Alguma coisa estava errada. Não deveria ter atendido a porta.

– É sobre a minha mãe?

É por isso que ela ainda não voltou? Eles vieram me dizer o motivo?

– Seu pai está em casa? – perguntou o oficial com delicadeza. – Precisamos...

– Por favor, me diga – sussurrou ela, segurando a porta com mais força. Suas pernas começaram a tremer, ameaçando ceder sob seu peso. – É sobre a minha mãe? Aconteceu alguma coisa...

As palavras foram sumindo em sua garganta quando o oficial deu um passo à frente e se aproximou para tocar seu braço, encostando a palma da mão desajeitadamente no tecido do vestido. Ela percebeu o brilho das

lágrimas nos olhos dele, e então soube. Naquele momento, ela soube que o que quer que tivesse acontecido, quaisquer que fossem as notícias que eles vieram transmitir, tinha o potencial de partir seu coração.

O pai apareceu e se pôs ao lado dela, mas Alexandra se manteve ali em vez de desaparecer atrás dele. Ela precisava ouvir o que eles vieram dizer.

– Lamentamos profundamente a sua perda, Sr. Konstantinidis – disse um dos homens. – Sentimos muito em lhe comunicar que sua mulher sofreu ferimentos fatais como resultado de...

– Perda?! – gritou Alexandra.

Ele dissera *perda*. Isso significava que a mãe não voltaria para casa? Alexandra piscou para se desvencilhar das lágrimas que se formaram instantaneamente e que umedeciam seus cílios. Lutou para digerir o que o oficial tentava informar a seu pai.

– Minha mãe estava, quer dizer, minha mãe está...

– Minha mulher morreu? Vocês vieram me dizer que minha mulher não está mais entre nós?

– Sim, senhor. Acreditamos que ela morreu depois de cair do cavalo.

Alexandra cerrou os olhos e seu mundo começou a girar. Não conseguia mais ouvir o que ele estava dizendo. Suas pernas cederam e ela tombou no chão.

Por que eu não aceitei o convite? Por que não fui com ela? Por que não me levantei quando ela veio me buscar? Por que eu não estava lá com ela?

Quando braços a envolveram e a voz alta do pai preencheu seus ouvidos, ela fechou os olhos com força e começou a gritar. Lágrimas escorreram pelas bochechas e o coração ansiou por sua linda mãe, a quem ela nunca mais veria.

Seu pai mal a enxergava e quase não tinha tempo de lhe dar bom-dia, mas sua mãe fora tudo para ela. Sua mãe era uma luz radiante em um aposento abarrotado de homens velhos e enfadonhos. Era uma mulher que sabia exatamente o que queria da vida e que não tinha medo de reivindicar seus desejos para si e para a filha. Sua mãe fizera a vida valer a pena.

Mamãe, não consigo sobreviver sem você. Não consigo.